



IMPACTO DAS CARACTERÍSTICAS FAMILIARES NO AJUSTAMENTO DE CRIANÇAS ADOPTADAS

Sandra Mendonça

Estudante de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade do Algarve,
Campus de Gambelas, 8005-139, Faro, Portugal.
mendonca_sandra@msn.com

Ana Susana Rocio de Almeida

Estudante de Doutoramento. Departamento de Psicologia, Universidade do Algarve,
Campus de Gambelas, 8005-139 Faro. Portugal.
asalmeida@ualg.pt

Fecha de recepción: 16 de enero de 2011

Fecha de admisión: 10 de marzo de 2011

RESUMO

A adopção é um processo, com implicações sociais e legais, em que se promove o estabelecimento de relações entre uma criança e uma família, não relacionadas biologicamente. No entanto, a investigação tem vindo a sugerir que a simples imersão das crianças em famílias adoptivas não é suficiente para a promoção de ajustamentos saudáveis, pelo que, se tem verificado um aumento da investigação que pretende identificar factores familiares que promovem o ajustamento das crianças adoptadas.

A presente revisão de literatura pretendeu descrever a relação entre as características familiares, estrutura familiar, padrões de comunicação e estilos parentais e o ajustamento de crianças adoptadas. As famílias adoptivas caracterizadas pela coesão, coerência, comunicação aberta acerca de sentimentos, responsividade e um equilíbrio entre flexibilidade e controlo apresentam resultados mais positivos no ajustamento emocional e desenvolvimental das crianças adoptadas.

São discutidas algumas implicações práticas, nomeadamente objectivos e estratégias de intervenção para os serviços de adopção e pós-adopção.

Palavras-Chave: Adopção, Ajustamento Desenvolvimental, Estrutura Familiar, Padrões de Comunicação, Estilos Parentais.

ABSTRACT

Adoption is a process with social and legal implications, which promotes the establishment of relationships between a child and a family, not related biologically. However, the mere immersion of children in families was shown to be an insufficient condition to promote adjustment of children and



IMPACTO DAS CARACTERÍSTICAS FAMILIARES NO AJUSTAMENTO DE CRIANÇAS ADOPTADAS

the focus of scientific attention has, consequently, shifted to the identification of family variables that favor an efficient adjustment.

The present review of literature is aimed at explaining the relationship between family characteristics like structure, communicative patterns and parental styles and the emotional and developmental adjustment of adopted children. Empirical results show that adopted children display a better adjustment in adoptive family characterized by a good cohesiveness, coherence, emotional communication, responsiveness and balance between flexibility and control.

Practical implications in the implementation of intervention strategies and objectives to be developed in adoption and post-adoption centers are discussed.

Key-Words: Adoption, Developmental Adjustment, Family Structure, Patterns of Communication and Parental Styles.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, tem-se vindo a assistir a uma relação contígua entre as alterações significativas nas esferas política, económica e social e as mudanças nos padrões de relações entre os indivíduos, com implicações nos papéis que cada um desempenha no seio da sua família (Okun, 1996). Neste sentido, e com a emergência de conceitos como divórcio, homossexualidade, ou técnicas reprodutivas no vocabulário e nas identidades das sociedades actuais, assistimos ao desenvolvimento de padrões de família muito diversos (Brodzinsky, Smith, & Brodzinsky, 1998; Okun, 1996; Schettini, Amazonas, & Dias 2006). Surge assim, um paradigma que assume a adopção como uma forma legítima e profícua de constituir família. Esta passa a ser definida como uma estrutura que propicia experiências únicas e oportunidades de exploração e desenvolvimento aos seus constituintes, independentemente dos laços biológicos (Brodzinsky et al., 1998; Schettini et al., 2006; Wilson, 2004).

No entanto, o trabalho empírico e teórico de Kirk (1964, 1981) chamou a atenção para o facto de que muitas crianças adoptadas podiam sofrer de problemas de ajustamento psicológico e comportamental. Verificou-se que as crianças em situação de adopção são sujeitas a longos períodos marcados pela adversidade (e.g., maus-tratos, negligência, abandono) o que, por sua vez, parece ter implicações no seu desenvolvimento (e.g., Brodzinsky, 1993; Hodges, Steele, Hillman, Heuderson, & Kaniuk, 2005).

Embora alguns autores tenham identificado padrões de ajustamento psicológico e comportamental semelhantes entre crianças adoptadas e crianças inseridas no contexto da sua família biológica, desde o nascimento (e.g., Juffer & Van IJzendoorn, 2005; Thompson & Plomin, 1988; Van IJzendoorn, Juffer, & Poelhuis, 2005), a maioria das investigações reporta, para a população adoptada, menores níveis de ajustamento a nível psicológico, comportamental e de saúde mental (e.g., Austad & Simmons, 1978; Brodzinsky, 1987; Verhulst, Althaus, & Bieman, 1990 a,b; Verhulst & Bieman, 1995; Meltzer, Corbin, Gatward, Goodman, & Ford, 2003).

Neste sentido, verificou-se um aumento do interesse pelo estudo dos factores que promovem e/ou dificultam o ajustamento à adopção, não só das crianças como também das famílias (i.e., adoptiva e biológica) (e.g., Brodzinsky & Brodzinsky, 1992; Brodzinsky, 1993; Reppold & Hutz, 2009; Rueter & Koerner, 2008; Sharma, McGue, & Benson, 1996 a,b).

A presente revisão de literatura pretende descrever a relação entre as características familiares (i.e., estrutura familiar, padrões de comunicação e estilos parentais) e o ajustamento de crianças em situação de adopção.



FACTORES FAMILIARES DE AJUSTAMENTO À ADOPÇÃO

O ajustamento das crianças adoptadas é um processo influenciado por uma complexa constelação de factores, interrelacionados dinamicamente, nomeadamente os subjacentes às características da família adoptiva (Brodzinsky et al., 1998).

Baseados em resultados de investigações e teorias subordinadas à explicação do ajustamento das crianças adoptadas, os autores elaboraram um modelo multidimensional, o «*Stress and Coping Model of Adoption Adjustment*» (Brodzinsky, 1993; Brodzinsky, Schechter, & Brodzinsky, 1986; Brodzinsky, et al., 1998, p. 18). A primeira premissa do modelo é a de que o ajustamento da criança adoptada é essencialmente determinado pela forma como a mesma perspectiva e se relaciona com a sua experiência de adopção. Assume-se que, quando a criança encara a sua situação como ameaçadora e estigmatizante tende a experienciar padrões emocionais mais negativos (e.g., *stress*, ansiedade, raiva). Consequentemente, a criança adopta determinadas respostas de *coping*, mais ou menos adaptativas.

As características da família adoptiva parecem ter implicações ao nível da forma como as crianças experienciam a sua situação de adopção e, consequentemente, sobre as estratégias de *coping* utilizadas pelas mesmas. O modelo supra identificado preconiza que essas estratégias são fortemente influenciadas pelo *feedback* da família relativamente à adopção (Brodzinsky, 1993; Brodzinsky et al., 1986; Brodzinsky et al., 1998).

Os principais factores familiares identificados como importantes para o ajustamento das crianças adoptadas são a estrutura familiar, os padrões de comunicação e os estilos parentais.

Estrutura Familiar

De acordo com Barth e Brooks (1997) a relação entre a estrutura familiar e o desenvolvimento das crianças adoptadas não é muito explorada pela investigação científica, no entanto, a experiência profissional aponta para uma relação entre estas variáveis. Os aspectos da estrutura familiar referenciados na literatura são: a existência de filhos biológicos e adoptivos, a ordem de chegada desses e as estruturas familiares monoparentais.

Relativamente à existência de filhos biológicos na família adoptiva parece não existir consistência nos padrões identificados. Algumas investigações sugerem que a presença de filhos biológicos nas famílias é um factor que promove o desenvolvimento social e pessoal das crianças adoptadas (e.g., Brodzinsky, & Brodzinsky, 1992; Ternay, Wilborn, & Day, 1985). Por outro lado, outras investigações sugerem que esse padrão contribui para os problemas de ajustamento das crianças adoptadas, sendo que quanto maior o número de filhos biológicos, menor a adaptação dos filhos adoptivos (e.g., Barth & Brooks, 1997; Kraus, 1978). Os resultados da investigação de Juffer e Rosenboom (1997) sugerem que os problemas de ajustamento encontrados em crianças adoptadas, em famílias com filhos biológicos, podem dever-se à menor responsividade que caracteriza as mães dessas famílias.

A ordem de chegada dos filhos, adoptivos e biológicos, na família é outra variável, para a qual, os resultados da investigação são contraditórios. Kraus (1978) sugere que a ordem de chegada do filho biológico à família tem impacto no ajustamento dos filhos adoptados. Neste sentido, em casais que têm o primeiro filho biológico depois de terem adoptado uma criança, há maiores disfunções comportamentais nesta última, por comparação a casais que apenas têm filhos adoptados. Por outro lado, os resultados da investigação de Brodzinsky e Brodzinsky (1992) sugerem um impacto mínimo, da ordem de chegada do filho adoptivo. Os autores explicam que a ordem de adopção, embora possa complicar as dinâmicas familiares, não constitui um impedimento para o ajustamento.



IMPACTO DAS CARACTERÍSTICAS FAMILIARES NO AJUSTAMENTO DE CRIANÇAS ADOPTADAS

Por fim, a investigação subordinada à influência de estruturas parentais no ajustamento das crianças adoptadas tem demonstrado, de forma mais consistente, padrões de ajustamento idênticos em famílias adoptivas mono e biparentais, sugerindo que a adopção de crianças por indivíduos singulares não é um impedimento ao ajustamento das mesmas (e.g., Lansford, Ceballo, Abbey, & Stewart, 2001; Shireman, 1996; Shireman & Jonhson, 1985). Lansford et al. (2001) sugerem que, mais importante do que o padrão são os processos que ocorrem no seio da família, ou seja, a qualidade das relações estabelecidas entre os membros.

Padrões de Comunicação

A comunicação na família adoptiva, à semelhança do que acontece em todas as famílias, é um processo dinâmico que varia ao longo do tempo, ou seja, as necessidades informacionais das crianças alteram-se consoante a conquista de novos marcos desenvolvimentais, que lhes fornecem novas capacidades de compreensão dos temas (Brodzinsky, Singer, & Braff, 1984). No entanto, a família adoptiva tem uma tarefa adicional, a revelação, ou seja, comunicar à criança que é adoptada e explicar as implicações dessa situação. De acordo com Kirk (1964) esta comunicação na família adoptiva relaciona-se com o crescimento e a maturação saudável das crianças.

Considerando esses aspectos, Wrobel, Kohlen, Grotevant e McRoy (2004) desenvolveram o “*The Family Adoption Communication Model*”, que descreve a dinâmica dos processos de comunicação relativamente à adopção. O modelo integra três fases nos processos de comunicação. Numa primeira fase, os pais adoptivos dão espontaneamente informações à criança. Numa segunda fase, satisfazem a curiosidade da criança com respostas às suas questões, e por fim, numa terceira fase, as próprias crianças tomam controlo da satisfação da sua curiosidade. Em cada fase, os pais tomam decisões, influenciadas por múltiplos factores, relativamente à quantidade de informação partilhada com a criança. Por fim, essas decisões têm influência sobre o comportamento e desenvolvimento das mesmas.

Brodzinsky (2006) distingue ainda três níveis de comunicação em situação de adopção. O primeiro nível corresponde à comunicação intrapessoal, ou seja, a auto-exploração de pensamentos e sentimentos relativamente à adopção. Para a criança adoptada este processo inicia-se quando são informadas da sua situação. Para a família o processo inicia-se quando a adopção é considerada como uma possibilidade. O segundo nível corresponde à comunicação intrafamiliar, que se refere à exploração de aspectos relativos à adopção, entre os membros da família adoptiva. Por último, a comunicação interfamiliar refere-se à comunicação entre a família adoptiva e a família biológica da criança, que decorre da adopção aberta, uma prática comum nos Estados Unidos da América.

Os resultados da investigação têm sido consistentes na identificação de uma relação positiva entre a abertura na comunicação, no sistema familiar adoptivo, e os resultados de ajustamento das crianças adoptadas. Brodzinsky (2006) e Koener (2008) relatam a importância de uma comunicação aberta, entre pais e filhos, simultaneamente com níveis adequados de controlo, na promoção de ajustamento das crianças adoptadas. Sobol, Denaley e Earn (1994) verificaram que uma comunicação aberta acerca de sentimentos e pensamentos associados à adopção diminui as diferenças de ajustamento entre famílias adoptivas e famílias biológicas. No mesmo sentido, Silva (2009) verificou que um clima de comunicação e de exploração mais aberto parece contribuir para uma identidade mais clara do adoptado e um maior sentimento de pertença à família adoptiva. Os resultados da investigação de Reppold e Hutz (2009) sugerem que a forma como a situação de adopção é revelada é a principal variável na explicação da variação de auto-estima e de depressão nas crianças. Resultados associados a um melhor ajustamento relacionam-se com famílias que propiciam comunicações abertas acerca da filiação, desde idades mais precoces.



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

Estilos Parentais

Considerando a família como ambiente primário de desenvolvimento, os investigadores têm-se debruçado sobre o estudo de técnicas disciplinares parentais e, sobretudo, no impacto destas no desenvolvimento de determinadas características pessoais nas crianças (e.g., personalidade, interesses, motivação, competências sociais) (Maccoby, 1984). Darling e Steinberg (1993) definem os estilos parentais como padrões de atitudes que os pais adoptam e comunicam às crianças, através dos seus comportamentos, e dos quais resultam determinados climas emocionais.

De acordo com Maccoby (1984), as práticas parentais adoptadas no seio de uma família tendem a ser estáveis. No entanto, o desenvolvimento de determinadas características nas crianças tem impacto sobre as mesmas, estabelecendo-se uma relação bidireccional. Desta forma, não só as práticas parentais têm impacto sobre características como o temperamento, a impulsividade, o desenvolvimento linguístico motor e cognitivo, a autonomia e o auto-conceito das crianças, como estas têm a capacidade de influenciar as primeiras.

A investigação desenvolvida nesta área sugere que uma correcta adequação das práticas parentais tem implicações positivas sobre o desenvolvimento das crianças, especialmente em características como a auto-confiança, as competências sociais, a motivação, o rendimento académico e a psicopatologia (e.g., Chen, Dong, & Zhou, 1997; Maccoby, 1984; Radziszewska, Richardson, Dent, & Flay, 1996; Slicker, 1998; Tiller, Garrison, Block, Cramer, & Tiller, 2003).

Considerando os resultados da investigação para a população geral e assumindo a bidireccionalidade da relação supra identificada, tem-se verificado um aumento do interesse da comunidade: (1) pela caracterização dos estilos parentais dos pais adoptivos; e (2) pela identificação dos estilos parentais promotores de ajustamento nas crianças adoptadas.

Os resultados da investigação de Muñoz, Rebollo, Fernandez-Molina, e Morán (2007) e Nunes (2008) sugerem que, em comparação com as famílias biológicas, as famílias adoptivas se caracterizam por estilos parentais mais afectivos, comunicativos e indutivos. Palacios e Sánchez (1996) e Nunes (2008) referem que os pais adoptivos consideram importante a existência de regras e algumas proibições, no entanto, as práticas educativas tendem a ser marcadas pelo afecto positivo.

De acordo com Brodzinsky e Pinderhughes (2002), as práticas parentais que mais contribuem para o ajustamento das crianças adoptadas caracterizam-se pela flexibilidade, ou seja, pela expressão de estratégias disciplinares que se adaptam às diferentes situações, pelas expectativas realistas, competências efectivas de gestão e suporte adequado. Também a responsividade materna tem vindo a ser relacionada com ajustamento das crianças adoptadas, nomeadamente a partir do seu impacto sobre o desenvolvimento social e o padrão de vinculação desenvolvido (e.g., Jaffari-Bimmel, Juffer, van IJzendoorn, Bakermans-Kranenburg e Mooijaart, 2006; Juffer, Bakermans-Kranenburg, & van IJzendoorn, 2005). Reppold e Hutz (2009) sugerem, ainda que práticas parentais caracterizadas por suporte, protecção e que facilitem a exploração de sentimentos pelas crianças, promovem melhores resultados ao nível da auto-estima e da depressão, na medida em que determinam como as crianças responderão a situações stressantes.

DISCUSSÃO

A comunidade científica começou por limitar a visão da adopção como uma oportunidade para crianças e casais. As primeiras seriam inseridas em contextos familiares o que, por si só, seria suficiente para a promoção de um desenvolvimento saudável. Adicionalmente, os casais teriam a desejada oportunidade de exercer a função de pais. No entanto, posteriormente, verificou-se que a imersão em famílias não era condição suficiente para um ajustamento saudável e profícuo das crianças, que haviam sido expostas a inúmeras situações adversas. Assim, a investigação passou a



IMPACTO DAS CARACTERÍSTICAS FAMILIARES NO AJUSTAMENTO DE CRIANÇAS ADOPTADAS

interessar-se pelas variáveis que influenciariam o ajustamento destas crianças e respectivas famílias.

A identificação de factores de risco e de protecção no âmbito da adopção é de importância basililar para a promoção do sucesso do processo de ajustamento. Contudo, a investigação destes factores, considerando os diferentes níveis sistémicos e a sua constelação complexa e dinâmica de influências recíprocas, implica sistematicidade, devido às constantes alterações macrossistémicas que introduzem novos dados nesta equação. Estes aspectos podem ter implicações ao nível do planeamento de formas específicas de intervenção, nas diferentes fases do processo de adopção, não só dirigidas aos candidatos e famílias adoptivas, mas também à sociedade em geral. Mais especificamente, no que se refere às atitudes e estereótipos da mesma face à adopção, através de métodos formais e informais, como os *Mass Media* e a educação formal na promoção da aceitação da diferença, que possa reduzir a perspectiva ameaçadora e estigmatizante, muitas vezes, experienciada por estas famílias.

Os resultados da investigação sugerem que as características da família adoptiva são importantes no processo de ajustamento da criança, especialmente porque influenciam determinadas características individuais (e.g., *locus* de controlo) das crianças e consequentes estratégias de *coping* (mais ou menos adaptativas). As variáveis mais estudadas são a estrutura familiar adoptiva, os padrões de comunicação e os estilos parentais. De um modo geral, os resultados sugerem que a coesão, coerência e firmeza, comunicação aberta acerca de sentimentos e um equilíbrio entre flexibilidade e controlo são características familiares com implicações positivas sobre o desenvolvimento das crianças.

Mais especificamente, ao nível da estrutura familiar as investigações revelam resultados inconclusivos, o que dificulta a identificação de um padrão familiar que promova um ajustamento mais profícuo da criança adoptada. No entanto, de um modo geral, os resultados sugerem que há relação entre estas variáveis. Desta forma, perspectiva-se a necessidade de identificar as metodologias de investigação utilizadas nos diferentes estudos que possam, eventualmente, explicar as diferenças encontradas. Também o investimento em mais investigação, e a adopção de novas metodologias, parece assumir-se como fulcral, no sentido de se identificarem possíveis variáveis moderadoras e/ou mediadoras subjacentes aos resultados encontrados.

A definição dos padrões de influência da estrutura familiar será importante para os profissionais envolvidos no processo de adopção, não necessariamente na especificação de critérios de selecção de candidatos, mas essencialmente ao nível da formação pré e pós adopção. Neste sentido, será importante identificar os padrões ideais promotores de ajustamento, justificativos das razões implícitas ao sucesso e/ou insucesso.

A investigação tem sugerido que um padrão de comunicação aberto conjugado com padrões adequados de controlo, em famílias adoptivas, é uma prática promotora de ajustamento, não só das famílias, mas principalmente das crianças. No entanto, Grotevant, Perry e McRoy (2005) e Wrobel et al. (2004) alertam para o facto de que, a curiosidade das crianças e jovens adoptados acerca da sua situação é frequentemente potenciadora de desconforto e evitamento por parte dos familiares adoptivos.

Estes dados realçam a importância de trabalhar com os candidatos à adopção e com famílias adoptivas no sentido de compreenderem a relevância de perspectivarem a revelação como um processo, e não como um momento ou fase, o que envolve uma comunicação aberta entre os diversos elementos da família. O conteúdo e a forma da revelação deverá assumir diferentes características, tendo em consideração as diferentes idades cronológicas, e principalmente desenvolvimentais, uma vez que implicam diferentes graus de compreensão e de necessidade de informação por parte das crianças. Em termos práticos, a formação dos candidatos e famílias adoptivas deveria incidir na sen-



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

sibilização para a importância da revelação para construção de identidade da criança/adolescente adoptada(o) e para o sentimento de pertença à família. Seria relevante que os candidatos e pais adoptivos analisassem e reflectissem a partir de estudos de caso, de outras famílias nas mesmas circunstâncias, ou de testemunhos reais.

A nível intra-pessoal, de auto-exploração da situação de adopção, seria importante a análise profunda de receios e medos associados a esta condição. A família poderia promover esta auto-exploração nos filhos adoptivos, desde as fases mais precoces, recorrendo a estratégias diversificadas, nomeadamente, a construção de um álbum ou diário de vida da criança e/ou a livros comercializados acerca da adopção, que servem de guias para os pais (e.g., Berástegui, & Bengoechea, 2008). A nível interfamiliar, para além da existência de uma comunicação aberta, seria igualmente importante os pais apoiarem os seus filhos quando estes revelam a necessidade de aprofundar a informação relativa à sua família biológica, mesmo se tal implicar a procura de dados adicionais aos disponibilizados pelos serviços de adopção.

Seria também relevante investir em pesquisas que examinassem aspectos específicos associados a uma maior facilidade ou dificuldade na revelação, com o intuito de fornecer directrizes práticas promotoras de uma melhor preparação parental.

Por fim, a investigação tem demonstrado haver similaridade entre os estilos parentais característicos das famílias adoptivas por comparação às famílias biológicas. No entanto, as famílias adoptivas distinguem-se pela utilização de estilos mais afectivos, comunicativos e indutivos. Muñoz et al. (2007) realçam que estes resultados são reforçados pela motivação que apresentam as famílias adoptivas. Depois de ultrapassar inúmeros obstáculos para conseguirem exercer a função parental, estas famílias parecem envidar mais esforços no sentido de exercer as melhores práticas parentais.

Em suma, estas premissas podem contribuir para o desenho de objectivos e estratégias a implementar em serviços de adopção e pós adopção. Compreender quais as características familiares que são mais adaptativas em situações de adopção permite preparar as famílias para a chegada, acolhimento e integração de uma criança com um passado adverso e que, muitas vezes, necessita de recuperar em termos afectivos e desenvolvimentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Austad, C., & Simmons, T. (1978). Symptoms of adopted children presenting to a large mental health clinic. *Child Psychiatry and Human Development*, 9, 20-27.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11; 56-95.
- Barth, R., & Brooks, D. (1997). A longitudinal study of family structure and size and adoption outcomes. *Adoption Quarterly*, 1, 29-56.
- Berástegui, A., & Bengoechea, B. (2008). *Ésta es nuestra historia. El libro de tu adopción*. Madrid: SM.
- Brodzinsky, D. (1987). Adjustment to adoption: A psychosocial perspective. *Clinical Psychology Review*, 7, 25-47.
- Brodzinsky, D. (1993). Long-term outcomes in adoption. *The Future of Children*, 3; 153-166.
- Brodzinsky, D. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9; 1-18.
- Brodzinsky, D., & Brodzinsky, A. (1992). The impact of family structure on the adjustment of adopted children. *Child Welfare League of America*, 71; 69-76.
- Brodzinsky, D., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In Marc H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (10). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

**IMPACTO DAS CARACTERÍSTICAS FAMILIARES NO AJUSTAMENTO DE CRIANÇAS ADOPTADAS**

- Brodzinsky, D., Schechter, D., & Brodzinsky, A. (1986). Children's knowledge of adoption: developmental changes and implications for adjustment. In R. Ashmore, & D. Brodzinsky (Ed.), *Thinking about the family: Views of parents and children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D., Singer, L., & Braff, A. (1984). Children's understanding of adoption. *Child Development*, 55, 869-878.
- Brodzinsky, D., Smith, D., & Brodzinsky, A. (1998). *Children's adjustment to adoption: developmental and clinical issues*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Chen, X., Dong, Q., & Zhou, H. (1997). Authoritative and authoritarian parenting practices and social and school performance in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 21, 855-873.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113; 487-496.
- Grotevant, H., Perry, Y., & McRoy, R. (2005). Openness in adoption: outcomes for adolescents with-in their adoptive kinship networks. In D.M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption: Research and practice* (pp. 167-186). Westport, CT: Praeger.
- Hodges, J., Steele, M., Hillman, S., Henderson, K., & Kaniuk, J. (2005). Change and continuity in mental representations of attachment after adoption. In D.M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption. Research and practice* (pp. 93-144). Westport, CT: Praeger.
- Jaffari-Bimmel, N., Juffer, F., van IJzendoorn, M., Bakermans-Kranenburg, M., & Mooijaart, A. (2006). Social Development from Infancy to adolescence: Longitudinal and concurrent factors in an adoption sample. *Developmental Psychology*, 42, 6, 1143-1153.
- Juffer, F., Bakermans-Kranenburg, M., & Van IJzendoorn, M. (2005). The importance of parenting in the development of disorganized attachment: Evidence from a preventive intervention study in adoptive families. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 263-274.
- Juffer, F., & Rosenboom, L. (1997). Infant –mother attachment of internationally adopted children in the Netherlands. *International Journal of Behavioral Development*, 20, 93 – 107.
- Juffer, F., & Van IJzendoorn, M. (2005). Behavior problems and mental health referrals of international adoptees: A meta-analytic approach. *The Journal of the American Medical Association*, 293, 2501–2515.
- Kirk, H. D. (1964). *Shared Fate: A Theory of Adoption and Mental Health*. New York: The Free Press of Glencoe.
- Kirk, H. D. (1981): *Adoptive kinship: A modern institution in need of reform*. Toronto: Butterworths.
- Kraus, J. (1978). Family structure as a factor in the adjustment of adopted children. *British Journal of Social Work*, 8, 327–337.
- Lansford, J., Ceballo, R., Abbey, A., & Stewart, A. (2001). Does family structure matter?: A comparison of adoptive, two parent biological, single mother, stepfather, and stepmother households. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 840-851.
- Maccoby, E. E. (1984). Socialization and developmental change. *Child Development*, 55, 317-328.
- Meltzer, H., Corbin, T., Gatward, R., Goodman, R., & Ford, T. (2003). *The mental health of young people looked after by local authorities in England*. London: Office for National Statistics.
- Muñoz, I., Rebollo, M., Molina, M., & Bersabé, R. (2007). Percepción de las estrategias de socialización parentales en familias adoptivas y no adoptivas. *Psicothema*; 19; 597-602.
- Nunes, M. (2008). *Desafios familiares: parentalidade adoptiva e parentalidade biológica*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Okun, B. (1996). *Understanding diverse families: what practitioners need to know*. New York: Guilford.
- Palacios, J., & Sánchez, Y. (1996). Relaciones padres-hijos en familias adoptivas. *Anuario de Psicología*, 71; 87-105.



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

- Radziszewska, B., Richardson, J., Dent, C., & Flay, B. (1996). Parenting style and adolescent depressive symptoms, smoking, and academic achievement: Ethnic, gender, and SES differences. *Journal of Behavioral Medicine*, 19, 289-305.
- Reppold, C., & Hutz, C. (2009). Effects of the history of adoption in the emotional adjustment of adopted adolescents. *The Spanish Journal of Psychology*, 12, 454-461.
- Rueter, M., & Koener, A. (2008). The effect of family communication patterns on adopted adolescent adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 70, 715-727.
- Schettini, S., Amazonas, M., & Dias, C. (2006). Famílias adoptivas: Identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11, 285-293.
- Sharma, A., McGue, M., & Benson, P. (1996a). The emotional and behavioral adjustment of united states adopted adolescents: part I. an overview. *Children and Youth Services Review*, 18, 83-100.
- Sharma, A., McGue, M., & Benson, P. (1996b). The emotional and behavioral adjustment of united states adopted adolescents: part II. Age at adoption. *Children and Youth Services Review*, 18, 83-100.
- Shireman, J. (1996). Single parent adoptive homes. *Children & Youth Services Review*, 18, 23-36.
- Shireman, J., & Johnson, P. (1985). Single-parents adoptions: a longitudinal study. *Children and Youth Services Review*, 50, 103-116.
- Silva, A. (2009). *As dimensões expressão emocional, comunicação e disciplina na parentalidade adoptiva: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade do Porto: Porto.
- Slicker, E. (1998). Relationship of Parenting Style to Behavioral Adjustment in Graduating High School Seniors. *Journal of Youth and Adolescence*, 27, 345-372.
- Sobol, M., Delaney, S. & Earn, B. (1994). Adoptee's portrayal of the development of family structure. *Journal of Youth and Adolescence*, 23, 385-401.
- Ternay, M., Wilborn, B., & Day, H. (1985). Perceived child-parent relationships and child adjustment in families with both adopted and natural children. *Journal of Genetic Psychology*, 2, 261-272.
- Thompson, L., & Plomin, R. (1988). The Sequenced Inventory of Communication Development: An adoption study of 2 and 3-year-olds. *International Journal of Behavioral Development*, 11, 219-231.
- Tiller, A., Garrison, M., Block, E., Cramer, K., & Tiller, V. (2003). The influence of parenting styles on children's development. *Undergraduate Research Journal for the Human Sciences*, 2, 1-21.
- Van IJzendoorn, M., Juffer, F., & Poelhuis, C. (2005). Adoption and cognitive development: A meta-analytic comparison of adopted and non-adopted children's IQ and school performance. *Psychological Bulletin*, 131, 301-316.
- Verhulst, F., Althaus, M., & Bieman, H. (1990a). Problem behavior in international adoptees: I. An epidemiological study. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 29, 94-103.
- Verhulst, F., Althaus, M., & Bieman, H. (1990b). Problem behavior in international adoptees: 11. Age at placement. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 29, 104-111.
- Verhulst, F., & Bieman, H. (1995). Developmental course of problem behaviors in adolescent adoptees. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 34, 151-158.
- Wilson, S. (2004). A current review of adoption research: exploring individual differences in adjustment. *Children and Youth Services Review*, 26, 687-696.
- Wrobel, G., Kohler, J., Grotevant, H., & McRoy, Ruth G. (2004). The Family Adoption communication model (FAC): Identifying pathways of adoption related communication. *Adoption Quarterly*, 7, 53-84.



International Journal of Developmental and Educational Psychology
Desafíos y perspectivas actuales de la psicología en el mundo de la infancia

INFAD, año XXIII
Número 1 (2011 Volumen 1)

© INFAD y sus autores
ISSN 0214-9877